

Setembro - Outubro
Novembro de 2025
ED.04

INFORMATIVO MENSAL

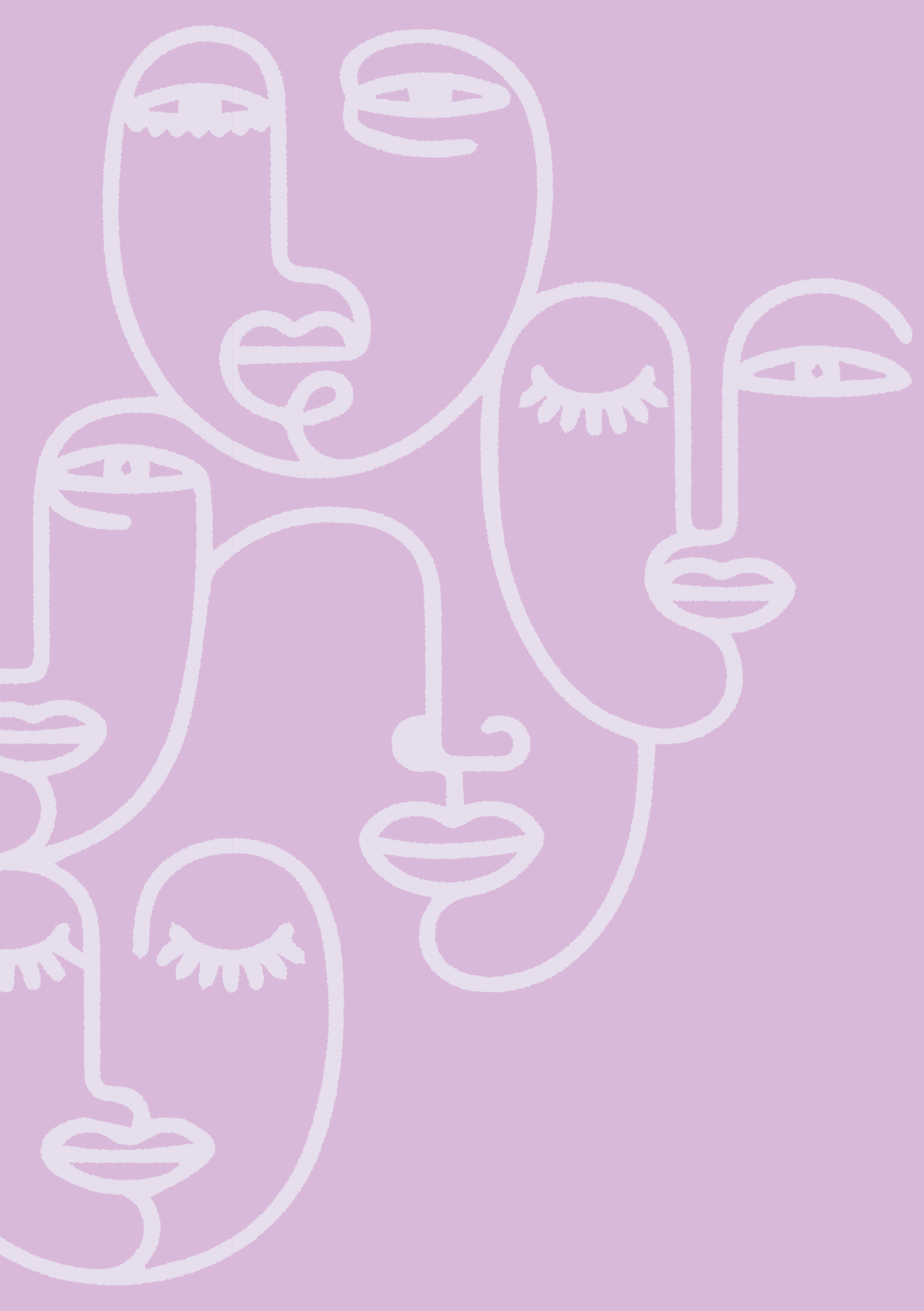


Mulheres em Rede



BELO
HORIZONTE
PREFEITURA

trabalho
energia
coração



FICHA TÉCNICA

Secretária Municipal de Educação

Natália Araújo

Subsecretaria de Educação Inclusiva

Tatiana Aparecida Servos Oletto

Subsecretaria de Gestão Pedagógica

Arminda Aparecida de Oliveira

Diretoria de Políticas Afirmativas

Rosane de Almeida Pires Viana

Coordenação de Promoção de Direitos Humanos e Pluralidades Educacionais

Rebeca Cristina Nunes Lloyd Gonçalves

Assessoria de Comunicação Social da Secretaria Municipal de Educação

Diagramação, revisão e projeto gráfico

Organização e Redação

Fabiana Régis de Oliveira Souza

Mário Emmanuel de Oliveira Moraes

Rebeca Cristina Nunes Lloyd Gonçalves



Nosso objetivo é promover reflexões sobre a condição feminina na sociedade, especificamente no contexto educacional e na cidade de Belo Horizonte. As opiniões contidas nos textos aqui apresentados são de exclusiva responsabilidade de seus(suas) autores(as). Todo o conteúdo presente neste informativo foi autorizado pelos(as) autores(as) ou por seus representantes legais. É permitido reproduzir qualquer parte do material publicado, desde que sejam devidamente citados o autor(a) e a fonte.

Mulheres em Rede

O Informativo **Mulheres em Rede** atua como um canal de comunicação da Diretoria de Políticas Afirmativas, por meio da Coordenação de Promoção dos Direitos Humanos e das Pluralidades Educacionais, vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A finalidade do informativo é fornecer práticas que incentivem a adoção de abordagens inclusivas e construtivas, visando o aprimoramento de políticas que favoreçam a equidade de gênero e o combate às violências direcionadas a mulheres e meninas na cidade de Belo Horizonte. O informativo fundamenta-se nas legislações vigentes, dentre elas:

- **Plataforma ONU Mulheres 50X50**, da qual a cidade de Belo Horizonte é signatária;
- **Resolução CMDM 03/2019** do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, que dispõe sobre o Plano Municipal de Equidade entre Mulheres e Homens da PBH em parceria com a ONU Mulheres nas secretarias municipais;
- **Lei PBH 11.167/2019**, que determina a flexão de gênero – feminino e masculino – nos documentos oficiais municipais da PBH. (Acessível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1210886>);

- **Lei Federal 14.164/2021**, que alterou a LDBEN, para incluir a prevenção da violência contra a mulher como tema transversal nos currículos. (Acessível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/junho/lei-inclui-a-prevencao-a-violencia-contra-a-mulher-no-curriculo-escolar>);
- **Lei nº 11.407/2022**, que institui o Programa de Dignidade Mens-trual na rede pública municipal de ensino.

“Algumas pessoas podem chegar a sentir-se muito seguras dentro de alguma teoria e/ou técnica, encerrando-se nela, sem poder ver o que existe a seu redor. Isto lembra o tão notório Procusto, um gigante que, segundo Plutarco, supõe-se viver na Grécia.

Este sujeito, tinha a gentileza de convidar os viajantes à sua caverna, dava-lhes de comer e oferecia-lhes uma cama para passar a noite. Até aí, tudo bem! Mas, se a estatura do convidado era maior que a longitude da cama, o tal Procusto cortava-lhe o que sobrava. Se fosse menor o estirava até que a cabeça e os pés. coincidissem com os extremos da cama.

Quem se salvava? Somente aqueles que tinham a medida exata”.

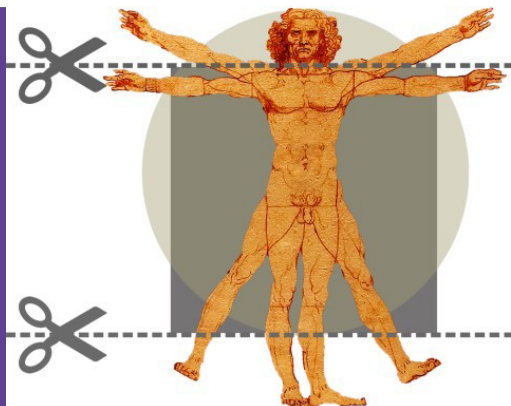
Couto (2001 p.90)

A quarta edição do informativo **“Mulheres em Rede”** tem o objetivo promover reflexões acerca dos progressos e desafios vivenciados por meio de mulheridades, com ênfase na realidade e experiências das mulheres/professoras com deficiência na Rede Municipal de Educação da PBH.

A metáfora do leito de Procusto ilustra a pressão imposta às pessoas com deficiência dentro de uma cultura que ainda padroniza e exclui. E, não raras vezes, a fim de se ajustarem aos padrões sociais estabelecidos, muitas mulheres e meninas não tem suas condições de vida reconhecidas diante das expectativas capacitistas que a sociedade ainda impõe a muitas delas.



VOCÊ CONHECE O MITO DE PROCUSTO?



SAIBA MAIS ACESSANDO:

Mitologia na Atualidade - Procusto

<https://www.youtube.com/watch?v=fuJRhHpxEE>

Intolerância | o mito grego de Procusto

<https://www.youtube.com/watch?v=mmeotMwhoaM>

Replica de O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci
Imagem extraída da internet

Acervo: Domínio Público



VOCÊ SABE O QUE É CAPACITISMO?



Ilustração A luta das mulheres com deficiência
Imagem extraída da internet
Acervo: Projeto Colabora

SAIBA MAIS ACESSANDO:

Capacitismo: o que é, como combater e por que é tão importante falar sobre o tema

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/capacitismo-o-que-e-como-combater-e-por-que-e-tao-importante-falar-sobre-o-tema>

Capacitismo: o que é, exemplos, consequências e como combater!

<https://www.handtalk.me/br/blog/capacitismo/>

Podemos utilizar os contos da mitologia grega para estimular a reflexão sobre os mais variados comportamentos humanos. Quando pensamos em inclusão, percebemos que um grande desafio é a mudança para um paradigma que propõe o exercício do não estranhamento diante das diferenças das pessoas. As diferenças são características inerentes aos seres humanos e, a pergunta que fica é: pensar a inclusão a partir de um modelo ideal, não seria oferecer às pessoas com deficiência a cama de Procusto? Daí a necessidade de incluirmos as diferenças dentro das gamas da diversidade humana e, em especial, nossas mulheres e meninas, a partir do reconhecimento da singularidade de cada uma.

Nos marcos legais contemporâneos, voltados para a inclusão de pessoas com deficiência, conceitos como tolerância, caridade e/ou assistencialismo vão ficando para trás. As novas concepções das leis para pessoas com deficiência priorizam os direitos humanos, colocando-as frente à execução de políticas públicas com condições de equanimidade. Essas políticas exigem que, dentro de nossas escolas pratiquemos novos saberes, investiguemos outras maneiras de resolver os desafios, avaliemos quaisquer diferenças entre estudantes, organizemos o tempo, espaço e currículo com equanimidade de direitos.

O convite que fazemos é o de continuar transformando nossas escolas em lugares que realmente acolhem e incluem, pensando em todos os espaços de forma acessível. Para isso, é preciso que a comunidade escolar perpasse por um processo de reflexão pedagógica profunda, pois tendemos sempre a enquadrar as pessoas em padrões, e é o não enquadramento diante da possibilidade de desenvolver metodologias e práticas educativas diversas que se encontra um dos grandes desafios da educação. **Bem-vinda ao mundo da educação inclusiva!**

BEM VINDO

CANÇÃO DE LUIZA CASPARY

Olha eu sei, não sou ninguém pra vir dando conselhos.
Mas tudo que aprendi depois de tantos erros,
É que o amor está bem dentro de ti
Eu sei, que todo mundo espera isso o mais depressa
Mas é bom saber que o amor começa
Em amar a si, que tudo flui bem
Tente pensar no amor
E aprender com a dor
Se é pra recomeçar
Que seja como for
Não tem receita
Tudo se ajeita
Deixe o amor entrar
Devagar
E se é pra amar
Cuide melhor de ti
Amor tem que fazer sorrir
Ame-se mais
Já que é pra amar



Capa do Single Bem Vindo de Luiza Caspary
(feat. Jair Oliveira)
Imagem extraída da internet
Acervo: Luiza Caspary

Cuide melhor de ti
Amor tem que fazer sorrir
Ame-se mais e fim
Olha, eu sei que é mais fácil pra quem tá de fora
Falando pra fazer o que eu nem mesmo faço
Então o meu abraço, vai falar por mim
Quando, parece que o amor simplesmente foi embora
Talvez só tenha encontrado um novo endereço
Todo o recomeço, começa de um fim
Não tente procurar
No outro seu lugar
Sinta-se em casa em si
Chame ele pra entrar
Seja bem vido amor
Chega de solidão



A sós contigo
Eu sou multidão
E se é pra amar
Cuide melhor de ti
Amor tem que fazer sorrir
Ame-se mais
Já que é pra amar
Cuide melhor de ti
Amor tem que fazer sorrir
Ame-se mais e fim
Ame-se mais
Ame-se mais
Ame-se mais
Ame-se mais
e mais, e mais, e mais, e
Ame-se mais

BEM VINDO VÍDEO EM LIBRAS

Luiza Caspary e Jair Oliveira - Bem-Vindo | Video Libras

https://www.youtube.com/watch?v=CaDkMiS4-4g&list=RDCaDkMiS4-4g&start_radio=1



Clipe de Luiza Caspary e Jair Oliveira - Bem-Vindo | Video
Libras
Imagem extraída da internet
Acervo: Luiza Caspary

O QUE REPRESENTA PARA A SOCIEDADE O DIA NACIONAL DE LUTA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

O Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência, que foi celebrado em 21 de setembro, nos convida para a reflexão, a conscientização e a mobilização em prol dos direitos e da inclusão das pessoas com deficiência.

Nos convida a refletir sobre a importância de continuarmos acreditando e avançando na construção de uma sociedade mais justa, onde todas as pessoas tenham espaço para viver, aprender e participar plenamente.

O termo "luta" não é por acaso. Ele traz à tona a história de resistência e de ativismo das pessoas com deficiência e de seus apoiadores que por meio da mobilização conquistou direitos que hoje parecem básicos, como o acesso à educação, ao trabalho, à saúde e ao lazer.

Mais do que um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº13.146/2015), a inclusão é um compromisso ético e humano de toda a sociedade.

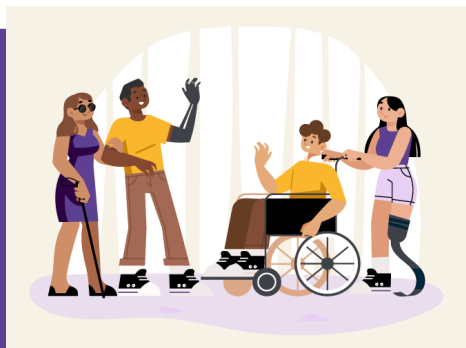


Ilustração
Imagem extraída da internet
Acervo: Domínio Público

Ao falarmos da inclusão das pessoas com deficiência nos diferentes espaços sociais, estamos falando em direitos humanos, respeito e dignidade. Garantir os direitos das pessoas com deficiência significa reconhecê-las em sua diversidade, com seus saberes, experiências e potenciais, rompendo com preconceitos, promovendo o acesso à saúde, à educação, ao trabalho, à cultura, ao lazer e à vida comunitária em igualdade de oportunidades.

Na escola, isso significa muito mais do que apenas garantir a matrícula das(os) estudantes: significa promover experiências de relações humanas baseadas no respeito e na dignidade por meio de uma educação democrática.

Nesse sentido, a Educação em Direitos Humanos é essencial, uma vez que orienta práticas pedagógicas que fortalecem a convivência democrática, promovem valores como empatia, solidariedade e justiça social, transformando a escola em um espaço de respeito às diferenças.

Por fim, a inclusão de pessoas com deficiência nos diferentes espaços sociais não é apenas uma exigência legal, mas um **compromisso ético, humano e educativo** com a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e plural.

**A ESCOLA É UM LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO E
ACESSO NA VIDA DE MUITAS MENINAS E MULHERES
COM DEFICIÊNCIA, E FOI ESPAÇO DETERMINANTE
NA VIDA DE ALINE CASTRO.**

APRESENTAMOS A SEGUIR SUA HISTÓRIA.

ALINE CASTRO

Aline Castro é cientista, professora e especialista em políticas públicas, com atuação reconhecida nacionalmente na defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Doutora e mestra, é cadeirante em decorrência de uma doença rara.

Atua como consultora em acessibilidade e palestrante em educação inclusiva, colaborando com instituições públicas e privadas. Atualmente, Aline é Diretora de Inclusão Escolar na Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.



Professora Dra. Aline Castro
Acervo: Aline Castro

Quando a educação transforma o impossível em potência

"Ela vai viver somente até os três anos." Foi assim que a minha história começou, sob o peso de uma sentença médica que, mais do que prever o futuro, parecia negar o direito de tê-lo. Mas a vida insistiu em provar o contrário. E eu cresci, aprendendo desde cedo que a família e o acesso ao conhecimento são forças capazes de reinventar destinos.

Nasci com Atrofia Muscular Espinhal tipo II, uma condição genética rara que afeta todos os músculos do corpo. Mas com o tempo, percebi que resistir é pouco diante da força de quem acredita. Eu não apenas sobrevivi, eu vivo intensamente, e a educação foi a estrada que me ensinou que a deficiência faz parte da minha existência, mas que definitivamente, não me define.

Quando entrei na escola, a acessibilidade ainda não era um direito garantido por lei. Em meio a incontáveis negativas de matrícula, encontrei professores e gestores escolares que acreditaram em mim e me mostraram que o conhecimento pode ultrapassar qualquer barreira.

Passei grande parte da minha infância internada. Lembro-me da tristeza de ver os dias passarem pela janela e da alegria imensa de receber as cartinhas coloridas dos meus colegas. A minha maior motivação para melhorar era poder voltar para aquele lugar onde os sonhos moravam — a escola. Ali, as professoras me ensinavam que o conhecimento também pode ser afeto: corriam comigo no colo, pulavam corda e mostravam, com gestos simples e grandiosos, que as diferenças não nos separam, elas nos enriquecem.

Segui estudando, ingressei na universidade e me apaixonei pela pesquisa e pelo ensino. Me tornei cientista e professora. Fui responsável pela mudança do maior edital de intercâmbio do país, ao lutar para que o programa contemplasse também estudantes com deficiência. Uma conquista coletiva que abriu portas para outros jovens e simbolizou o poder transformador da educação quando ela é, de fato, para todos.



Cursos e mais cursos, pós-graduações, mestrado, doutorado, projetos educacionais... E assim nasceu a certeza de que o meu lugar seria entre os livros, nas salas de aula e nos espaços de decisão. Eu queria devolver à educação tudo o que ela me deu e multiplicar oportunidades para outras pessoas que, como eu, cresceram ouvindo que não poderiam.

Hoje, como Diretora de Inclusão Escolar de estudantes com deficiência, transtornos e altas habilidades/superdotação na Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, sigo acreditando que a escola é o espaço onde os sonhos se tornam possíveis. Sou guiada pela convicção de que a educação é o instrumento mais poderoso de transformação social.

Se eu tivesse um desejo, não seria o de andar. Seria o de viver em um mundo onde todas as pessoas possam ter orgulho de quem são, sem precisarem provar o seu valor todos os dias. A educação me ensinou que transformar é possível, e é isso que busco levar para cada estudante e sua família.

Hoje, sigo com a certeza de que nasci para isso: fazer da educação o caminho para que todos — absolutamente todos — possam florescer.

MULHERES PROFESSORAS QUE FAZEM A DIFERENÇA NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE

NARA FERREIRA

**RELATO - Trajetória de Vida e Atuação Profissional –
PROFESSORA ALFABETIZADORA NARA FERREIRA**

INFÂNCIA: O Despertar Silencioso de uma Sensibilidade

Desde a infância, a deficiência visual esteve presente em minha vida, moldando a forma como percebo o mundo e me relaciono com ele. Na escola, o medo de me perder pelos espaços fazia com que eu evitasse o recreio e até mesmo o caminho até o banheiro. Permanecia sempre próxima à porta da sala, temendo não conseguir voltar ao meu lugar.



Por não compreenderem minha condição, professores e colegas interpretavam meu silêncio como timidez ou estranheza. Sempre fui uma criança dócil e afetuosa, mas a falta de conhecimento da escola e da família sobre como lidar com a deficiência acabou me isolando. Carreguei, ainda muito nova, uma responsabilidade grande demais para minha idade — a de me proteger sozinha.

Professora Nara Ferreira
Acervo: Nara Ferreira

PRIMEIROS PASSOS NO MUNDO DO TRABALHO

Durante a juventude, precisei interromper os estudos por oito anos. Nesse período, trabalhei como babá, auxiliar de serviços domésticos e, posteriormente, como operária no setor metalúrgico. Esses anos, embora desafiadores, foram fundamentais para o meu amadurecimento.

Conciliava o trabalho árduo com o desejo de retomar os estudos e transformar minha realidade. Buscando novas possibilidades, realizei cursos de massagista, esteticista e massoterapeuta, atuando em uma clínica nessas funções até ser aprovada em concurso público — ainda antes de concluir o ensino médio. Essa conquista marcou o início da realização de um sonho que parecia distante: o de construir uma carreira na educação.

A FORMAÇÃO ACADÊMICA: O ALICERCE DE UMA PRÁTICA INCLUSIVA

Com determinação e fé, iniciei minha formação superior e, a partir daí, uma trajetória acadêmica sólida. Sou graduada em Normal Superior e especialista em: Alfabetização e Letramento; Psicopedagogia; Educação Especial e Educação Inclusiva; Educação Infantil; Neuro psicopedagogia e Educação Inclusiva com Ênfase no Diagnóstico Escolar e; Ludopedagogia.

Essas especializações constituíram o alicerce teórico e metodológico da minha prática pedagógica, permitindo-me compreender o desenvolvimento humano sob múltiplas perspectivas — cognitivas, emocionais e sociais. Aprofundei-me nos princípios neuropsicopedagógicos, com foco na aprendizagem significativa e na valorização das diferenças individuais. Essa base acadêmica se tornou o eixo de uma docência que busca unir ciência, sensibilidade e compromisso ético.

OS PRIMEIROS DESAFIOS NO MAGISTÉRIO

Ao ingressar na rede pública de ensino, deparei-me com obstáculos que ultrapassavam a dimensão pedagógica. Logo após a aprovação no concurso, enfrentei descrédito durante a perícia médica: duvidavam de que eu pudesse exercer a docência em razão da deficiência visual.

Fui designada para uma escola ainda em construção e, ao chegar, vivi um episódio marcante. A diretora, de forma fria e incisiva, afirmou ter solicitado que pessoas com deficiência não fossem lotadas naquela instituição. Suas palavras foram duras e excludentes, ecoando como uma violência simbólica que quase me fez desistir. Passei o fim de semana em prantos, questionando minha escolha profissional.

No entanto, a vocação falou mais alto. Retomei minhas forças e solicitei transferência. Fui então lotada em outra escola, onde permaneci por dezenove anos. Ali, consolidei minha prática docente, reafirmei minha capacidade e provei, a cada dia, que a deficiência não é um limite, mas uma forma singular de enxergar o mundo.

CAMINHOS DA ESPECIALIZAÇÃO E DA DOCÊNCIA INCLUSIVA

Atualmente, atuo na Escola Municipal José Maria Alckmin, onde continuo a exercer minha função com dedicação e profundo compromisso com a educação inclusiva.

Antes dessa lotação, trabalhei por nove anos no Centro de Apoio Pedagógico, sob a gestão de Elizabeth Dias, onde fui professora de informática para pessoas com deficiência visual, atendendo jovens, adultos e adolescentes. Nesse período, também atuei como formadora de profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), ministrando cursos e oficinas voltados à alfabetização de alunos em processo de perda visual.

Além disso, ministrei palestras, formações e relatos de experiência em escolas e eventos da rede municipal, contribuindo para a ampliação da consciência sobre acessibilidade e práticas pedagógicas inclusivas.

Embora valorize profundamente a educação inclusiva e a reconhecença como princípio essencial para uma educação de qualidade, minha atuação principal é na alfabetização de alunos que enxergam. É nesse campo que construí minha maior experiência. Em minhas aulas, procuro ser estrategista, dinamizando o processo de ensino com o uso de diversos recursos, de modo a torná-las agradáveis, participativas e reflexivas. Busco abordar temas complexos de forma acessível e envolvente, como no mês de setembro, quando trabalhei a prevenção ao suicídio com turmas da educação infantil, a partir de três anos de idade, até o nono ano, fundamentando-me na teoria da Síndrome do Coração Partido.

Essas experiências reafirmaram minha convicção de que a educação é o meio mais potente de emancipação humana — e que a docência é um ato político e afetivo capaz de transformar realidades.

SÍNTESE DE UMA CAMINHADA

Com vinte e quatro anos de magistério, carrego uma trajetória construída sobre superação, estudo contínuo e compromisso com a inclusão. Minha vivência como pessoa com deficiência visual tornou-se também instrumento de empatia, pesquisa e formação de outros educadores.

Hoje, compreendo que cada desafio superado não foi apenas uma conquista pessoal, mas uma contribuição à luta por uma educação verdadeiramente acessível e humana. Ensinar, para mim, é abrir caminhos: caminhos de luz, de autonomia e de pertencimento — para mim, para meus alunos e para todos que acreditam que a educação é, acima de tudo, um ato de amor e resistência.

Luciana Freitas

Texto elaborado pela Professora Dra. Luciana Freitas, responsável pelo Núcleo de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos – NUPEBS.

Nesta edição, o informativo **Mulheres em Rede** constitui uma oportunidade para apresentar um breve relato sobre a relevância da **educação bilíngue de surdos** na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, por meio dos depoimentos de mulheres que se destacam como protagonistas na defesa e promoção dos direitos humanos e linguísticos dessa comunidade.

No que se refere à Educação de Surdos, historicamente, as pessoas surdas foram estigmatizadas e discriminadas, uma vez que a surdez era vista como deficiência e não como diferença. Destaca-se, nesse percurso, a forte influência de pessoas ouvintes, que impuseram modelos educacionais pautados no ouvintismo, priorizando o ensino das línguas orais em detrimento da perspectiva visual e do reconhecimento das línguas de sinais como legítimas formas de comunicação e aprendizagem.



Luciana Freitas
Acervo: Luciana Freitas

No que se refere à **Educação de Surdos**, historicamente, as pessoas surdas foram estigmatizadas e discriminadas, uma vez que a surdez era vista como deficiência e não como diferença. Destaca-se, nesse percurso, a forte influência de pessoas ouvintes, que impuseram modelos educacionais pautados no ouvintismo, priorizando o ensino das línguas orais em detrimento da perspectiva visual e do reconhecimento das línguas de sinais como legítimas formas de comunicação e aprendizagem.

Na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH), a educação de surdos, em sua fase inicial, era organizada em turmas multisseriadas específicas, compostas por estudantes surdos, com a presença de professores bilíngues, usuários de Libras e capacitados para o ensino da leitura e da escrita, bem como para o trabalho com os conteúdos curriculares de cada série/ano em que os alunos surdos e com deficiência auditiva estavam matriculados. Essas turmas eram registradas no Sistema de Gestão Escolar (SGE) como turmas flexíveis, funcionando em escolas polo, escolhidas por concentrarem maior número de estudantes surdos ou com deficiência auditiva e por sua localização estratégica para o deslocamento dos alunos. Essa organização possibilitava agrupar os estudantes surdos, favorecendo tanto a aprendizagem da Libras quanto a comunicação entre pares linguísticos, considerando que a maioria desses alunos era oriunda de famílias ouvintes (Pereira, 2014).

Com o avanço das discussões sobre a educação inclusiva, fundamentadas na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a organização das turmas exclusivas para estudantes surdos foi desfeita, possibilitando que as famílias matriculassem seus filhos em escolas próximas às suas residências, com o apoio de profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras em sala de aula. Essa mudança favoreceu o deslocamento dos estudantes, aproximando-os do território onde vivem, e ampliou o acesso à Libras no espaço escolar, uma vez que promoveu tanto a interação entre pares quanto a formação de um número maior de estudantes e profissionais na língua de sinais. Nesse contexto, destaca-se também a criação, em 2017, do Projeto de Acesso, Divulgação e Ensino da Libras, pela então Diretoria de Educação Inclusiva e Diversidade Étnico-racial (DEID), que contribuiu para o reconhecimento da Libras como meio de comunicação da comunidade surda e para o fortalecimento do envolvimento da comunidade escolar.

A partir de 2020, a RMEBH passou a implementar ações voltadas para garantir as trocas linguísticas entre surdos e ouvintes e fortalecer o ensino bilíngue, considerando a Libras e o português como segunda língua. Entre essas ações, destacam-se: aulas de Libras nas escolas com matrículas de estudantes surdos (em sala de aula e no PEI) durante todo o ano; oficinas virtuais de Libras para a comunidade escolar (ofertadas semestralmente, com carga horária de 30h); e o curso de Libras e oficinas de férias (CLIC). Além disso, os eventos da rede passaram a contar com acessibilidade em Libras, por meio da presença de Tradutores e Intérpretes de Libras, em diferentes espaços formativos e institucionais, como formações docentes, webinários, Semana da Educação, Conferência Municipal de Educação, assembleias, seminários, reuniões de pais, entre outros.

A SEGUIR ALGUMAS CONQUISTAS IMPORTANTES NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS NA RMEBH QUE VALEM A PENA DESTACAR

- * Portaria 382/2023 que institui o Grupo Técnico de Trabalho destinado a promover estudos relativos à Educação Bilíngue Movimento Bilíngue de Surdos de Minas Gerais
- * Criação do Núcleo de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos – NUPEBS, em janeiro de 2025, com base na lei 14.191/2021 que promove a educação bilíngue como modalidade na LDB. O NUPENS está vinculado a Coordenação de Promoção de Direitos Humanos e Pluralidade Educacionais e Diretoria de Políticas Afirmativas, e tem o objetivo de oportunizar o ensino de Libras e português como segunda língua; promover a acessibilidade comunicacional e curricular para meninas e meninos considerando a equidade na aprendizagem desde a Educação Infantil à EJA. A responsável pelo Núcleo é a professora e pedagoga bilíngue Luciana Freitas, Doutora e Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET/MG, com experiência na educação especial e inclusiva na Educação Bilíngue de surdos há mais de 20 anos.

- * Formação docente Educação Bilíngue para surdos: possibilidades e desafios, em março de 2025 com o objetivo de promover estudos e reflexões sobre as práticas pedagógicas bilíngues. O curso foi organizado em 6 módulos: Importância da Libras no contexto escolar, o ensino do português como segunda língua, o ensino de matemática e ciências para surdos, a produção de material bilíngue, a atuação dos profissionais ILS e TILSP e o estudante com surdocegueira e 1 módulo extra para a aprendizagem de Libras promovendo a capacitação de professores nesta língua. Este curso foi organizado pelo NUPEBS e GT Bilingue e contou com a parceria de professores das Instituições: UEMG, UFMG, UFOP, PUC/MG, ASMG e UNI-BH.
- * Criação da turma bilíngue de 1º ano – Anos Iniciais, na Escola Municipal Padre Flávio Giammetta, em março de 2025, com atuação diretora Rosana que colaborou com a aceitação do convite providências quanto a estrutura física e transporte para os estudantes, de duas professoras bilíngues: Janete Rocha Leite e Kelly como referências da turma no ensino dos conteúdos curriculares, um instrutor de Libras Caick para o ensino da Libras e o professor de Educação Física que atua também contribuindo para o desenvolvimento dos estudantes. Tivemos acesso aos professores e alguns depoimentos sobre o trabalho exercido na educação de surdos na experiência profissional

Núcleo de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos / NUPEBS

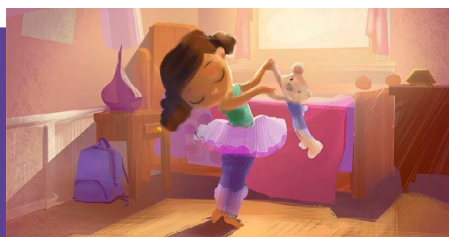
Contato: (31) 3277-8725

E-mail: libras.smed@edu.pbh.gov.br

PARA SE INSPIRAR:

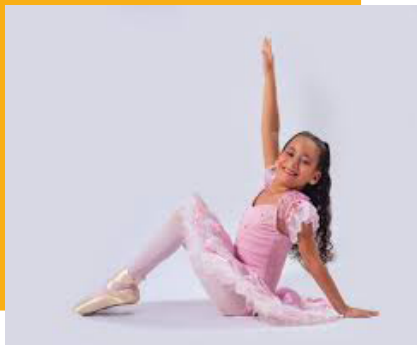
TAMARA – A menina surda que sonhava em ser bailarina

<https://www.youtube.com/watch?v=3hx2WEa23J0>



Curta-metragem - A menina surda que sonhava em ser bailarina
Acervo: House Boat Animation Studio

CONHEÇA A HISTÓRIA DE **Nicole Lemos**, UMA BAILARINA SURDA, BOLSISTA DA FUNDAÇÃO BETO STUDART



Bailarina Nicole Lemos
Acervo: Nicole Lemos

História de Nicole Lemos

https://www.youtube.com/watch?v=XZUa-AiS_LMQ

Libras para crianças / Sinais em Libras / Educação Infantil / Vídeo Educativo/Libras

Alfabeto em libras letra por letra com áudio - Vídeo Educativo

<https://www.youtube.com/watch?v=ns-MyINcEic>



Vídeo Educativo Alfabeto em libras
Acervo: Ensinando meu filho

DEPOIMENTO

PROFESSORA DRA. ROSELY LUCAS



Rosely Lucas
Acervo: Rosely Lucas

Meus pais são surdos. Na época em que estudaram, a educação destinada a eles era chamada de educação especial e tinha como base a oralização. Mas, na prática, meus pais não seguiram esse caminho: na Escola Dulce de Oliveira, em Uberaba, o uso da Libras não era proibido, e foi ali que eles se conheceram ainda na infância. Mais tarde, casaram-se e construíram uma família. Tiveram três filhos: dois Coda e uma filha surda — eu. Hoje, sigo essa trajetória, agora como mãe de dois filhos surdos.

Quando criança, eu apenas imitava as outras crianças, pois não havia intérprete e as professoras não sabiam Libras. O processo de alfabetização e o gosto pela leitura aconteceram em casa, graças à minha irmã Coda, que sempre me incentivou a ler e a escrever.

CONHEÇA A DISSERTAÇÃO DA PROFESSORA ROSELY LUCAS

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190864>

"CODA" filho/a de pais surdos (sigla em inglês para Child of Deaf Adults). No contexto da comunidade surda, é um termo para descrever uma pessoa ouvinte filha de pais surdos.

Mais tarde, ao chegar ao pré-vestibular, vivi uma experiência transformadora: pela primeira vez tive acesso a intérprete de Libras na sala de aula. Foi nesse momento que realmente aprendi os conteúdos de forma plena, em uma língua que me pertencia. Essa vivência marcou profundamente a minha trajetória educacional e abriu novos caminhos para minha formação acadêmica.

Minha surdez nunca foi uma limitação — mas o mundo, muitas vezes, foi. Tornei-me pedagoga por causa do meu filho, também surdo. Quando ele nasceu, percebi que minha experiência precisava se transformar em ação. Eu queria garantir a ele a educação que eu mesma não tive: uma educação que respeitasse a Libras como primeira língua, que reconhecesse sua identidade surda desde a infância e que não o obrigasse a se adaptar a uma escola que não o escutava — no sentido mais profundo da escuta.

Ao mesmo tempo em que cursava Pedagogia, formei-me também em Letras Libras. Essas duas formações dialogavam com minha história. Enquanto aprendia teorias sobre ensino, linguagem e educação de surdos, eu vivia, todos os dias, os desafios da maternidade surda e da luta por direitos linguísticos. Percebi que não bastava meu filho ter acesso à escola — ele precisava ter acesso à sua língua na escola. E foi assim que minha luta pessoal se transformou em pesquisa e minha vivência em metodologia.

Hoje, como docente e pesquisadora da educação bilíngue de surdos, reconheço que minha trajetória é também um ato político. Eu não falo sobre a surdez: falo desde a surdez. Minhas perguntas de pesquisa nascem do chão da escola, das conversas com outras mães, das formações de professores, das memórias de infância e dos silêncios que aprendi a romper. Ao escrever, trago minha vida como dado e como teoria. Porque, para nós, sujeitos surdos, não há separação entre viver e resistir — e educar é sempre um pouco dos dois.

Esta escrita é também uma forma de garantir que nossas vozes, mesmo sem som, sejam ouvidas nas políticas públicas, nos currículos e nos espaços de decisão. Para mim, narrar minha história é mais do que contar memórias: é existir inteira — como mulher surda, mãe, professora, pesquisadora e militante da educação bilíngue.

SOBRE MÃES

Entrevista com Natália Araújo – **Secretária Municipal de Educação da PBH**



Natália Araújo
Acervo: Natália Araújo



Natália Araújo possui mais de 30 anos de experiência na área da Educação, iniciou sua trajetória como voluntária aos 15 anos. É professora, formada em Direito e especializada em Gestão Pública. Atuou como diretora da Escola de Gestão do TCE-MG e como subsecretária de Educação de Belo Horizonte. Defende o diálogo, a valorização das(os) educadoras(es) e o fortalecimento da rede pública, unindo conhecimento técnico e compromisso social.

Entrevista | A Força e a Voz da Maternidade Atípica

1 – Como é ser uma mãe atípica na prática?

Primeiro, eu acho importante a gente falar sobre esta expressão: "mães atípicas". Na verdade, nenhuma experiência com a maternidade é igual. Somos todas diferentes; não há rebento igual; ninguém é propriamente típico ou atípico. Cada pessoa tem sua subjetividade e as mães são sempre diferentes. Não existe o dito: "Mãe só tem uma"? E, mesmo que a gente tenha mais de uma mãe, o que é uma sorte, serão todas únicas. Alguns acham, por isso, o termo impróprio. Ou até falam que, ao dizer de uma mãe atípica, estamos afirmando que nossos filhos são atípicos. Mas eu gostaria de dizer, para estas pessoas, que a maternidade nem sempre é sobre os filhos.

Quando falamos de maternidade atípica, referimo-nos a um grupo de mulheres para as quais a perspectiva de autonomia dos filhos talvez não venha e o cuidado dos primeiros meses de vida será para sempre; para as quais talvez nunca haja um "mamãe"; para as quais talvez não haja muitos coleguinhas, convites, oportunidades... para as quais uma ida ao supermercado possa ser comparável a uma viagem internacional em logística e planejamento antecipado; para as quais um banho caprichado necessite eternamente de uma rede de apoio para acontecer; às quais o direito de morrer é uma grande questão, por não haver estrutura ou pessoas que se responsabilizem pelos cuidados com seus filhos.

A questão da saúde, então, e da escola, para estas mães, não é simples mesmo. Não há plano ou SUS, rede pública ou particular que acolha convenientemente as demandas. Não tem, simplesmente assim. E você, daí de onde está, que lute. E, na maior parte das vezes, lute sozinha, porque quase a maioria das mães atípicas perdem seus companheiros nos primeiros anos do diagnóstico e muito poucas têm uma rede familiar que acolha e apoie.

De verdade, quando olho a realidade e escuto todos os dias, nos bancos das terapias, nas redes sociais, nas escolas, relatos das vidas atípicas que passei a conhecer pela adoção de duas crianças com autismo, eu penso que não tenho o direito do pertencimento. Sim, de algumas das angústias descritas, eu também compartilho. Medo do futuro, raiva no presente, vontade de gritar, bater na mesa ou chorar baixinho, lembrando passagens que são como tapas, socos ou veneno: nisso sou típica entre as atípicas.

Mas não estou sozinha como a maioria das mães atípicas que conheço. Tenho um marido e outros três filhos incríveis; tenho plano de saúde e bom salário para pagar as terapias que os planos não cobrem; tenho saúde física e mental para lidar com as injustiças; tenho minha carreira na educação, que se transformou em luta, resposta, missão, propósito e esperança.

De verdade, eu venho aqui para falar sobre o assunto, por tanto carinho com as que me convidam. Mas a verdade é que sou atipicamente privilegiada entre as mães atípicas. Que elas me perdoem por ocupar aqui o espaço delas ou que eu possa representá-las aqui e onde estiver, de algum modo.

2 – Quais são os principais desafios que você enfrenta no seu dia a dia?



Natália Araújo
Acervo: Natália Araújo

Como disse, os meus são muito pequenos perto dos de outras mulheres, mas acho que o desafio maior que nos une é a perspectiva do futuro. Isto apavora e aterroriza. Também acho que sentimos todas a necessidade de políticas públicas ou legislações mais robustas, principalmente em educação e saúde.

E com todas que já conversei até hoje acho que temos em comum aquela sensação de que somos umas chatas por lutarmos por um mundo mais inclusivo e temos uma dezena de vezes por dia ou por semana a dúvida: "Será que eu falo ou deixo pra lá?"

Também temos em comum um monte de vezes em que falamos e nos sentimos inadequadas e um monte de outras em que nos calamos e nos sentimos omissas. É sempre uma questão: entre resiliência silenciosa e luta histórica.

3 – O que você pensa sobre filhos idealizados e filhos possíveis?

Esta é uma grande questão e precisamos falar sobre isso. Na verdade, todas devemos ter menos vergonha de admitir que fomos criadas em uma sociedade de aparências, onde fórmulas de vitórias, famílias e relacionamentos perfeitos dificultam os relacionamentos reais. Isso na maternidade é muito intenso.

Na nossa cultura é comum a ideia de que os pais devem se realizar nos filhos e que cada geração deve se superar em acúmulo de riquezas, experiências, títulos. Quando esta lógica é invertida, porque há ali um filho que traz outras ideias de realização, trocar de sonho é muito difícil.



Natália Araújo junto com seu esposo e filhos.
Acervo: Natália Araújo

Para mim, até nisso digo que o fardo foi muito mais leve. A culpa é natural do processo e nenhuma até hoje me disse não ter passado pela interrogação: "Por que eu?"; "Por que comigo?".

Eu não senti isso porque meus filhos são adotados. Mas eram filhos da minha irmã e sofri muito quando penso no quanto ela sofreu caladinha com estas perguntas a torturando. Eu não sabia. E nunca pude dizer: esquece isso! Tira isso de sua cabeça. Não foi o vinho que você tomou na gravidez e também não foi um dia que você não foi uma boa menina. Eu sei até o que diria a ela: estatisticamente, 1 em cada 36 crianças tem autismo no mundo. E daí? Seremos felizes com isso, como sempre fomos. Eu não pude dizer isso a ela, mas posso dizer a milhares de mães hoje e posso ajudá-las com meu trabalho para que encontrem caminho e apoio.

4 – O que a maternidade atípica te ensinou sobre a vida?

O grande ensinamento é também o grande desafio: não viver esperando; viver o dia de hoje. Vai falar? Não sei. Vai desfraldar? Não sei? Vai comer comida? Não sei. Vai aprender a ler? Não posso afirmar.

Quando todas estas dúvidas são presentes na sua cabeça e talvez a certeza de que muitas respostas serão negativas, o que você tem a fazer é esquecer tudo isso e viver hoje. Se dedicar e se ocupar de tudo que exista no mundo da cultura e da ciência e que possa trazer as melhores condições de vida ao seu filho.

HOJE! Esta ideia do "hoje é tudo o que temos" ou "é o que temos para hoje" são grandes lições.

5 – Qual o legado que você quer deixar para a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte no campo da educação inclusiva?

Ahhh, quero, para todas as mães atípicas, **um caminho através da educação, a escola como rede de apoio, acolhida.**

Mas sabe o que mais quero? Que os professores e professoras possam acreditar que a inclusão de pessoas com deficiência em salas de ensino regular é possível.



Natália Araújo
Acervo: Natália Araújo

Hoje, da forma como está, com a falta de formação adequada, sem a estimulação precoce, sei que está parecendo impossível. Mas não é. O autismo me levou a estudar muito, experimentar muito e sei que, com boa técnica e um pouco de persistência, é possível.

O que quero é ouvir a cada dia mais relatos de avanços e de conquistas dos professores. Sei que professores amam proporcionar isso a seus alunos. Tenho certeza de que, quando a potência da inclusão escolar for revelada (ou construída) pelos profissionais da educação, teremos uma escola em festa por estas conquistas. Elas são mesmo muito prazerosas para nós, educadores.

Hoje, os pais estão aborrecidos com a inclusão escolar imperfeita e professores estão adoecidos por se sentirem impotentes no processo. Sonho e sei que é possível mudar isso. Desejo pais e professores em harmonia, celebrando os pequenos/grandes avanços dos alunos no dia a dia escolar. Penso nos adultos, porque, quando estiverem apaziguados em suas ansiedades e conflitos, sei que os pequenos estarão também felizes.

6 – Quais são suas esperanças para o futuro?

Uma escola que se descubra como o grande vetor da inclusão e da equidade em todos os sentidos. Uma escola feliz por ter esta importância.

7 – Que mensagem gostaria de deixar para todas(os) que vão ler esta entrevista?

Que não julguemos a ninguém ou que julguemos menos a cada dia, buscando a compreensão no lugar do dedo em riste. Que a gente encontre sempre algo a aprender com os outros e que contribuamos em nossas ações diárias para relações mais solidárias e humanas.



Natália Araújo
Acervo: Natália Araújo

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, VULNERABILIDADES E FATORES DE RISCO PARA A VIOLÊNCIA

Um conjunto de fatores pode aumentar as chances de uma pessoa com deficiência vivenciar situações de violência – são os chamados fatores de risco. Esses fatores não podem ser considerados de forma isolada e podem existir na família, na sociedade, na comunidade e na rede de serviços. São eles:

Gênero, idade, deficiência, histórico de maus-tratos/violência, saúde mental e problemas comportamentais, dependência financeira/cuidados e déficit em habilidades sociais.



Campanha Violência contra Mulher com Deficiência
Acervo: Domínio Público

ONDE DENUNCIAR?

Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CMPD-BH):

Órgão que assessora o poder público e a comunidade na formulação e acompanhamento de políticas públicas voltadas para a pessoa com deficiência.

Telefone: (31) 3277.4694

E-mail: comdeficiencia@pbh.gov.br

Diretoria dos Direitos das Pessoas com Deficiência (DPPD-BH)

Busca assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua plena inclusão social e ao exercício da cidadania.

Telefone: (31) 3277-4678

E-mail: peessoaacomdeficiencia@pbh.gov.br

Disque 100 (Disque Direitos Humanos) para denunciar violações.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS POR MEIO DA ARTE COMO EXPRESSÃO DE SENTIMENTO E TRANSFORMAÇÃO

A arte é um espaço importante para que possamos expressar nossas emoções, pensamentos e perspectivas. É também um espaço poderoso e significativo para a expressão de potencialidades individuais que são transformadas em possibilidades.

Longe de ser apenas uma atividade recreativa, a criação artística oferece possibilidades para o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, além de fortalecer a autoestima e a autoconfiança.

Por meio da música, da dança, da pintura, do teatro e de tantas outras formas de expressão, as pessoas podem comunicar o que as palavras nem sempre alcançam. **A arte não vê limitações!**

E foi assim, através da arte, que mulheres como **Anita Malfatti** superaram as barreiras de suas próprias condições físicas e dos preconceitos de sua época. Malfatti, que nasceu com atrofia congênita no braço e na mão direita, encontrou na pintura uma forma de desafiar as convenções e apresentar uma nova visão artística ao Brasil.

Ela, assim como outras, nos mostra que a arte não é apenas um refúgio, mas uma ferramenta de transformação, capaz de dar voz a quem se sentia silenciado e de revelar a força que reside na vulnerabilidade.

PARA SABER MAIS ACESSE:

MULHERES NA ARTE: Anita Malfatti e sua festa da cor

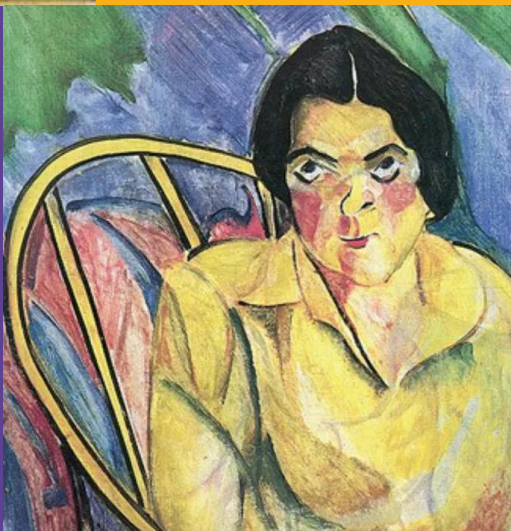
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zdsEusRg2oQ>



O Farol – 1915
Acervo: Anita Malfatti



A Boba – 1915-1916
Acervo: Anita Malfatti



Tropical – 1917
Acervo: Anita Malfatti

*“Mesmo esquecendo a canção, o que importa
é ouvir a voz que vem do coração.”*

ELIS REGINA

Orquestra Parassinfônica de São Paulo

A Orquestra Parassinfônica é um projeto musical que busca dar protagonismo a músicos com deficiência. A Orquestra Parassinfônica de São Paulo (OPESP) é a primeira do mundo nesse formato. Seu objetivo é, por meio da música, contribuir para uma sociedade mais inclusiva, livre de estigmas e preconceitos.



Mulheres Musicistas da Orquestra Parassinfônica de São Paulo, fundada em 2022

Acervo: Pessoal das Mulheres da Orquestra Parassinfônica

PARA SABER MAIS ACESSE:

Site da Orquestra parassinfônica de São Paulo:

<https://www.opesp.com.br/quem-somos>

Mulheres integram 1ª orquestra parassinfônica do Brasil; conheça

<https://delas.ig.com.br/comportamento/2022-08-09/mulheres-com-deficiencia-primeira-orquestra-parassinfonica-brasil-opesp.html>

EXPOSIÇÃO LÁ VÊM ELAS...

É uma mostra de arte produzida por mulheres com deficiência, que usam a arte como forma de expressar sua força, autonomia e resistência. O projeto ressignifica a expressão "lá vêm elas", que antes era usada de forma pejorativa, para destacar o protagonismo e a potência desses artistas em diversas linguagens, como vídeos, textos e ilustrações.



Exposição Lá Vêm Elas!
Acervo: Lá Vêm Elas!

Exposição Lá Vêm Elas!
Acervo: Lá Vêm Elas!



Exposição na zona norte do Recife traz arte feita por mulheres com deficiência

<https://www.brasildefato.com.br/2025/05/04/exposicao-na-zona-norte-do-recife-traz-arte-feita-por-mulheres-com-deficiencia/>

Abertura em Recife da exposição Lá Vêm Elas!

Abertura em Salvador da exposição Lá Vêm Elas!

UMA HOMENAGEM À PROFESSORA JANETE ROCHA LEITE REIS

Janete Rocha Leite Reis é graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Está na docência desde o ano 1999 e é professora na PBH há 17 anos. É especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Educação Inclusiva, Alfabetização e Letramento, Ensino Lúdico e Tecnologias, Educação à Distância e Educação Especial: deficiência auditiva, surdez e Libras.

Possui cursos de atualização em: Educação Inclusiva. Aquisição e desenvolvimento da linguagem oral, Ressignificação das Escolas Especiais: avanços, estratégias e possibilidades, Surdocegos pré-linguísticos e adaptação de estratégias de ensino, Português como segunda língua, Libras em contexto, Organização do tempo e espaços escolares e o papel do pedagogo, Educação Bilíngue para Surdos: possibilidades e desafios, Formação de professores para educação de surdos: fundamentos e práticas bilíngues.



Janete Rocha
Acervo: Janete Rocha

Foi supervisora do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimentos às Pessoas com Surdez – CAS (2007-2010).

1 – A professora Janete Rocha inicia a entrevista nos contando sobre a sua experiência e trajetória na educação de estudantes surdos:

Minha trajetória na educação de surdos teve início em 1999, quando realizei estágio acadêmico na Clínica Escola Fono. Na época, durante o curso de Pedagogia, conheci uma cursista que era intérprete. Aproximei-me dela pelo interesse na língua. Algum tempo depois, me falou sobre a vaga de estagiária.

A princípio, meu estágio era na parte clínica, junto aos atendimentos pedagógicos. O contato com a Língua de Sinais, me possibilitou conhecer a cultura surda, convivendo diariamente com uma instrutora que trabalhava no local.

O tempo passou, fui contratada 3 meses depois e tive acesso não só à parte clínica, mas também à escola que atendia crianças surdas até a 4ª série (atualmente 4º ano). Desenvolvi, junto com os alunos, o projeto idealizado pelo dono da clínica, acompanhado de sua equipe de profissionais. Além desse projeto voltado para a área de tecnologias, fazia atendimentos aos grupos de alunos surdos que estudavam no ensino regular e frequentavam a clínica para acompanhamento pedagógico. Passei a entender melhor a língua e, em busca de mais conhecimento, frequentava a Associação de Surdos, localizada na época, no bairro Prado. Nessa clínica, fui convidada para ocupar uma vaga de professora alfabetizadora e, juntamente, com outras professoras e a instrutora, o que foi positivo.



Janete Rocha e Turma Bilingue da Escola
Municipal Padre Flávio Giametta
Acervo: Janete Rocha

Com o movimento de inclusão muito forte pela Prefeitura de Belo Horizonte, as famílias optaram por matricular os filhos próximos da residência, o que levou ao fechamento da Clínica Escola Fono no ano de 2003, visto a localização central da instituição. Nesse mesmo ano, assumi a direção dessa escola e comecei a trabalhar na Escola Estadual Francisco Sales. Nessa instituição permaneci por sete anos, dos quais fui professora, vice-diretora e supervisora do Centro de capacitação de profissionais da educação e atendimento dos surdos.

2 – Janete Rocha compartilha sua experiência profissional na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Quando passei no concurso para professora na Prefeitura de Belo Horizonte, me exonerei de um dos cargos da Rede Estadual de Minas Gerais. Sabia que na Rede Municipal havia uma turma de surdos em uma escola e isso me fez acreditar na possibilidade de trabalhar com esses alunos. Não aconteceu como gostaria, mas, após passar em outro concurso da Rede Municipal de Belo Horizonte e me exonerar do meu segundo cargo na Rede Estadual de Minas Gerais, tive a oportunidade de trabalhar nessa escola, a qual hoje recebe a turma bilíngue de surdos. Independente do cargo, fui defensora das causas por uma educação de qualidade oferecida aos surdos e participei de momentos históricos para a comunidade surda.

Janete Rocha e Turma Bilíngue da Escola
Municipal Padre Flávio Giametta
Acervo: Janete Rocha



3 – Sobre suas percepções sobre a educação bilíngue de surdos a professora Janete destaca:

A educação bilíngue de surdos é uma das formas mais genuínas para garantir uma educação de qualidade e que atenda às especificidades inerentes ao processo de ensino e aprendizagem. É uma conquista que chega de forma consistente na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e que garante o direito de ter a Libras como língua de instrução.

Na turma bilíngue que estou lecionando atualmente, abrimos espaço também para estudantes ouvintes cujas famílias e os próprios estudantes tivessem interesse em matricular-se. Sobre o currículo, destaco que ele deve atender às necessidades dos alunos de acordo com o plano de educação básica, garantindo que os profissionais sejam bilíngues, visando o aprendizado consolidado com respeito às diferenças linguísticas e buscando, efetivamente, como eixo principal, a língua de instrução – Libras. Nesta turma bilíngue, a condição de estar e participar é ter a Libras como língua de instrução.



5 – No que tange aos recursos didáticos e tecnologias utilizadas para facilitar a comunicação e o aprendizado na sala de aula, a professora relata:

Para que os recursos cumpram o objetivo de sua utilização, é importante conhecer a cultura surda. Assim, o data show, livros com imagens, jogos, fonte datilológica, livros de literatura, cartazes, imagens realistas, vídeos permeiam as aulas e sua aplicabilidade acontece de acordo com as demandas da turma. Outro fator que impacta são as imagens coloridas que são oferecidas nas atividades impressas.

Dentre as estratégias usadas para promover a comunicação entre estudantes ouvintes e surdos, alguns destaques para as atividades em grupo, o uso contínuo da Libras em sala, brincadeiras e vivências diárias, são pontos relevantes para que essa comunicação aconteça de forma efetiva.

A professora Janete destaca que a importância da avaliação processual, formativa voltada para os avanços na aprendizagem, são instrumentos que indicam as melhores estratégias a serem utilizadas em cada etapa do ensino bilíngue.

Quanto ao suporte necessário para desenvolver o trabalho, a direção e equipe pedagógica da escola, dão todo apoio em relação à materialidade necessária e requisitada e é prontamente disponibilizada para que o trabalho aconteça de forma efetiva.

E ainda sobre a formação docente oferecida na RMEBH a professora acredita que é a oportunidade de conhecer aspectos que envolvem a cultura surda, bem como a troca de experiências entre cursistas e palestrantes.

A professora reconhece **que o maior desafio é a comunicação, seguida das particularidades de cada aluno, das vivências e da falta de envolvimento das famílias.**



Turma Bilíngue da Escola Municipal Padre Flávio Giametta
Acervo: Janete Rocha

Dessa forma, percebemos que, desde a aprovação da **Lei nº 10.436/2002**, que reconheceu a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda, assim como a publicação de outros documentos legais, avançamos significativamente ao longo desses vinte e três anos de história. No entanto, ainda há muito a ser feito em prol da educação de surdos em nossa rede municipal. É fundamental valorizar as conquistas já alcançadas para mantermos o fôlego e seguirmos firmes na luta pela equidade educacional, reconhecendo as diferenças raciais, de gênero, de deficiência e linguísticas, assegurando, assim, o direito humano de ir, vir e pertencer aos espaços escolares, familiares e sociais.

A professora também reflete que ***"a educação bilíngue de surdos é uma das formas mais genuínas para garantir uma educação de qualidade e que atenda as especificidades inerentes ao processo de ensino e aprendizagem. É uma conquista que chega de forma consistente na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e que garante o direito a ter a Libras como língua de instrução."***

Para Janete, ***"o currículo deve atender às necessidades dos alunos de acordo com o plano de educação básica, garantindo que os profissionais sejam bilíngues, visando o aprendizado consolidado com respeito às diferenças linguísticas, buscando, efetivamente, o eixo principal a língua de instrução – Libras"***.

Janete ainda ressalta que nesta turma a condição de estar e participar é ter a Libras como língua de instrução. Ressalta também a importância dos recursos didáticos e tecnológicos utilizados para facilitar a comunicação e o aprendizado na sala de aula - *"Para que os recursos cumpram o objetivo de sua utilização, é importante conhecer a cultura surda. Assim, o data show, livros com imagens, jogos, fonte datilológica, livros de literatura, cartazes, imagens realistas, vídeos permeiam as aulas e sua aplicabilidade acontece de acordo com as demandas da turma. Outro fator que impacta são as imagens coloridas que são oferecidas nas atividades impressas"*.

Dentre as estratégias usadas para promover a comunicação entre estudantes ouvintes e surdos, alguns destaques para as atividades em grupo, o uso contínuo da Libras em sala, brincadeiras e vivências diárias, são pontos relevantes para que essa comunicação aconteça de forma efetiva.

Para a professora a avaliação processual, formativa voltada para os avanços na aprendizagem são instrumentos que indicam as melhores estratégias a serem utilizadas em cada etapa do ensino bilíngue.

Janete Rocha e Turma Bilíngue da Escola Municipal Padre Flávio Giametta
Acervo: Janete Rocha



Turma Bilíngue da Escola Municipal Padre Flávio Giametta
Acervo: Janete Rocha

PONTOS DE TRAVESSIA

INFORMATIVO INDICA



1 – FILME:

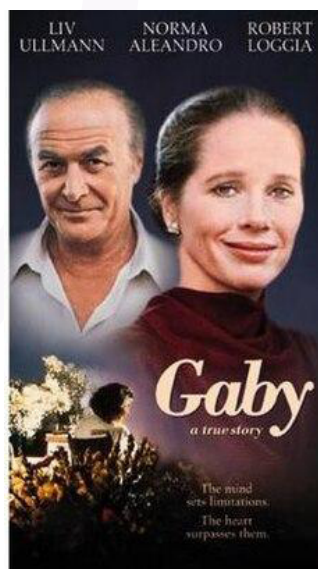
Maudie – Sua Vida e sua Arte

Maudie Lewis sofre de artrite reumatoide e da desconfiança de pessoas que a tomam por incapaz. Mas existe nela sensível dom artístico, cujo desejo de expressar a fará deixar a família para trás. Em seu caminho, um amor profundo por um duro peixeiro. Maudie conta a história luminosa do sucesso e reconhecimento de uma artista popular a despeito da dor e do preconceito.

2 – FILME:

Gaby, uma História Verdadeira

Em 'Gaby', a protagonista é uma menina com paralisia cerebral descobrindo a sexualidade, principalmente durante a transição da adolescência para a juventude. Com isso, vem a superproteção da família e como esse diálogo se dá diante da sua necessidade de soberania pessoal. Os desafios enfrentados por essa personagem estimulam uma discussão importante sobre a sexualidade vivenciada por diferentes pessoas e, sobretudo, por aquelas com deficiência, que, para desenvolver autonomia, muitas vezes dependem da interação com outras pessoas, e como tudo isso se entrelaça ao processo de consciência do próprio corpo e da afetividade.



3 - FILME:

A Pessoa é para o que Nasce

Um dos primeiros e mais premiados filmes brasileiros sobre deficiência, 'A Pessoa é para o que Nasce', apresenta a história de Regina, Maria e Conceição, três irmãs cegas que vivem em Campina Grande e cantam para receber esmolas. Com falas assertivas e contundentes e uma bela fotografia em película, o filme quebra vários estereótipos capacitistas em relação às pessoas cegas.



5 – LIVRO: Serei sereia?

Kely de Castro e Amanda de Azevedo (Kapulana)

Quem é Inaê? Menina ou sereia? Menina-sereia? Em que mundo vive, na terra, no mar? "Serei sereia?" é a história de Inaê, uma menina que já nasceu com o grande desafio de não poder andar. Nessa narrativa mágica, Inaê, como todas as crianças, passa por momentos de tristeza, alegria, conflito e tranquilidade. A bordo de sua cadeira de rodas, enfrenta obstáculos e, aos poucos, com o apoio de sua mãe, descobre que pode construir sua própria história.

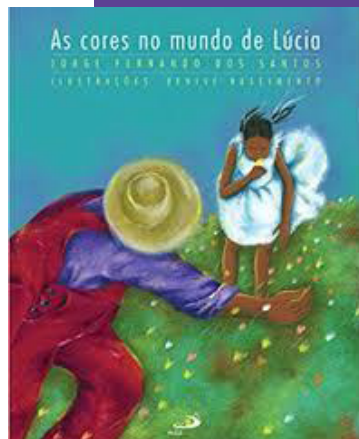


4 – LIVRO:

As cores no mundo de Lúcia

Jorge Fernando dos Santos e Denise Nascimento

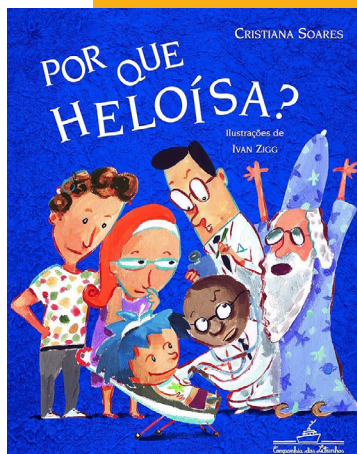
O nome Lúcia é uma variação de Luzia, do grego Loukia, feminino de Lúcio, do latim Lucius. Essa palavra significa "luminoso ou iluminado" e é derivada de Lux, ou luz. Nesse livro, Lúcia é uma menina muito inteligente e que adora brincar. Alegre e carinhosa com os pais e os avós, ela não pode enxergar, pois sofre de cegueira congênita. No entanto, descobre uma maneira divertida de perceber as cores no mundo à sua volta. Ela sabe usar como ninguém a audição, o olfato, o paladar e o tato, sentidos aguçados que lhe permitem superar a deficiência visual. Com belas ilustrações e escrita em prosa poética, a história convida o leitor a superar preconceitos, a vencer dificuldades e a descobrir o quanto a vida pode ser uma festa.



6 – LIVRO: Por que Heloísa?

Cristiana Soares e Ivan Zigg (Companhia das Letrinhas)

E se a gente conseguir ser igual ao outro e diferente ao mesmo tempo? As pessoas estão prontas para lidar com a diversidade? Escrito a partir de uma história real, "Por que Heloísa?" aborda a trajetória de uma menina com paralisia cerebral e nos mostra que modificar nossa forma de olhar as questões relacionadas à deficiência e à existência humana pode tornar o mundo melhor para todos.



A diferença não é um defeito | Lorrane Silva | TEDxSaoPaulo



ACESSE:

<https://www.youtube.com/watch?v=QeyedokIgRw>

A Pequena Lo explica o que é capacitismo e fala sobre algumas situações que ela mesma vivenciou. Lorrane Silva, mais conhecida como Pequena Lo, é uma humorista mineira de 24 anos formada em psicologia. Ela é ativista pelos direitos das pessoas com deficiência. Lorrane usa o humor para mostrar as diferentes situações que passa no seu cotidiano.

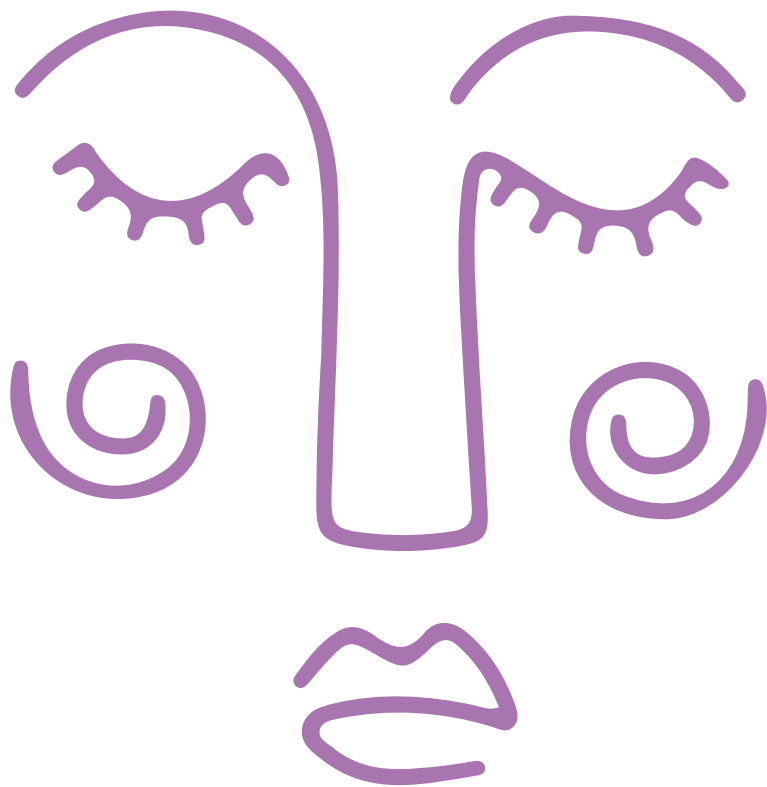
Vídeo: Direitos das pessoas com deficiência (Politize)

Video do projeto Equidade. Neste episódio, você entenderá o que são os Direitos das Pessoas com Deficiência, como eles surgiram e várias outras informações.

ACESSE:

https://www.youtube.com/watch?v=Jla_A8fTckM







Mu
em



**BELO
HORIZONTE**
PREFEITURA

trabalho energia coração

